

# VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Maristela Inês Osawa Vasconcelos<sup>1</sup>

Yanka Alcântara Cavalcante<sup>1</sup>

Gabriel Pereira Maciel<sup>1</sup>

Milena Melo Vieira<sup>1</sup>

Paulo Roberto Lopes<sup>1</sup>

Vanessa Silva Farias<sup>1</sup>

Lourival Gerardo da Silva Junior<sup>1</sup>

Francisco Rosemíro Guimarães Ximenes Neto<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1937-8850>

<https://orcid.org/0000-0003-0152-9216>

<https://orcid.org/0000-0002-4141-1995>

<https://orcid.org/0000-0002-8548-3755>

<https://orcid.org/0000-0003-0890-0612>

<https://orcid.org/0000-0002-6787-1922>

<https://orcid.org/0000-0001-7012-5106>

<https://orcid.org/0000-0002-7905-9990>

**Objetivo:** Identificar os tipos de violência que mais acometem os adolescentes, os locais em que acontecem e o que os tornam vulneráveis.

**Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com buscas realizadas nos meses de setembro e outubro de 2018. Os estudos foram publicados entre 2015 e 2019, nas bases de dados BVS, LILACS, BVS Adolec Brasil e PubMed, usando as palavras-chave adolescente, violência, saúde pública e saúde escolar.

**Resultados:** Integraram a pesquisa 144 artigos que foram organizados e caracterizados de acordo com o ano, tipo de estudo, tipos de violência contra adolescentes, estratégias de enfrentamento e níveis de evidência. O *bullying*, a violência sexual e a violência intrafamiliar emergiram nos artigos como os tipos de violência mais citados. Dentre as estratégias de enfrentamento emergiram ações relacionadas aos fatores de vulnerabilidade social e a criação de programas intersetoriais de prevenção à violência.

**Conclusão:** O *bullying*, a violência sexual e a violência intrafamiliar foram os tipos de violência contra o adolescente que mais sobressairam na literatura científica analisada. A atuação em rede intersectorial articulando principalmente os setores saúde e educação foi apontada como importante estratégia de enfrentamento da violência contra adolescentes.

**Descritores:** Adolescente; Violência; Saúde pública; Saúde escolar

## VIOLENCE AGAINST TEENAGERS AND COPING STRATEGIES

**Objective:** To identify the types of violence that most affect adolescents, the places where they happen and what makes them vulnerable.

**Methods:** This is an integrative literature review, with searches performed in the months of September and October 2018. The studies were published between 2013 and 2019, in the BVS, LILACS, BVS Adolec Brasil and PubMed databases, using the keywords adolescent, violence, public health and school health.

**Results:** The research included 144 articles that were organized and characterized according to the year, type of study, types of violence against adolescents, coping strategies and levels of evidence. Bullying, sexual violence and domestic violence emerged in the articles as the types of violence most cited. Among the coping strategies, actions related to social vulnerability factors and the creation of intersectoral violence prevention programs emerged.

**Conclusion:** Bullying, sexual violence and intrafamily violence were the types of violence against adolescents that stood out the most in the analyzed scientific literature. The performance in an intersectoral network, mainly articulating the health and education sectors, was pointed out as important strategies to face violence against adolescents.

**Keywords:** Adolescent; Violence; Public health; School health

## VIOLENCIA CONTRA ADOLESCENTES Y ESTRATEGIAS DE ENFRENTAMIENTO

**Objetivos:** Identificar los tipos de violencia que más afectan a los adolescentes, los lugares donde ocurren y qué los hace vulnerables.

**Métodos:** Esta es una revisión bibliográfica integradora, con búsquedas realizadas en los meses de septiembre y octubre de 2018. Los estudios se publicaron entre 2013 y 2019, en las bases de datos VHL, LILACS, VHL Adolec Brasil y PubMed, utilizando las palabras clave adolescente, violencia, salud pública y salud escolar.

**Resultados:** La investigación incluyó 144 artículos que se organizaron y caracterizaron según el año, tipo de estudio, tipos de violencia contra los adolescentes, estrategias de afrontamiento y niveles de evidencia. La intimidación, la violencia sexual y la violencia doméstica surgieron en los artículos como los tipos de violencia más citados. Entre las estrategias de afrontamiento, surgieron acciones relacionadas con factores de vulnerabilidad social y la creación de programas intersectoriales de prevención de la violencia.

**Conclusión:** La intimidación, la violencia sexual y la violencia intrafamiliar fueron los tipos de violencia contra los adolescentes que más se destacaron en la literatura científica analizada. El desempeño en una red intersectorial, que articula principalmente los sectores de salud y educación, se señaló como estrategias importantes para enfrentar la violencia contra los adolescentes.

**Descriptores:** Adolescente; Violencia; Salud pública; Salud escolar

<sup>1</sup>Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil.

Autor correspondente: Maristela Inês Osawa Vasconcelos | Email: miosawa@gmail.com

Recebido: 05/04/2020 - Aceito: 07/06/2020

## INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno histórico, que reflete a sociedade que a reproduz e pode aumentar ou diminuir, conforme sua construção social nos níveis coletivos e individuais que tem afetado adolescentes em todo o mundo, de modo cada vez mais frequente<sup>1</sup>.

A desigualdade social tem sido uma categoria importante e presente nas análises que buscam relacionar violência e grupos vulneráveis. Compreendida sob uma perspectiva social, a violência contra adolescentes ainda resulta em elevados gastos assistenciais. Nesse sentido, a violência contra adolescentes é um fenômeno atual que representa um problema significativo no campo da saúde, sobretudo devido aos altos índices de morbidade e mortalidade, mostrando-se importante o desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção de riscos, doenças e agravos<sup>2</sup>. A violência a que estão expostos os adolescentes, afeta sua qualidade de vida e interfere no desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo.

O Brasil avançou na garantia dos direitos dos adolescentes com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que gerou mudanças relevantes na gestão política no que concerne ao atendimento da infância e do adolescente. Seus dispositivos foram formulados para coibir a prática de violência em suas diferentes interfaces, por meio da prevenção e da fiscalização, e até em situações de extrema gravidade, como o afastamento das crianças do ambiente ameaçador<sup>3</sup>.

Diante do atual panorama, é fundamental realizar estudos para buscar evidências científicas capazes de demonstrar a situação da violência contra adolescentes, em qual contexto ela ocorre e como afeta as relações intra e extrafamiliares.

Pretende-se com este estudo identificar como a problemática da violência contra adolescentes tem sido pesquisada para propor novos estudos com vistas a avançar no conhecimento desta temática tendo em vista a necessidade de enfrentamento deste grave problema de saúde pública que acomete nossos jovens.

Considerando as necessidades de promoção da saúde dos adolescentes e na prevenção de agravos, questiona-se: O que a literatura científica tem divulgado sobre violência contra adolescentes? Quais os tipos de violência que mais acometem os adolescentes, os locais em que elas acontecem e as estratégias de enfrentamento? Assim, este estudo desenvolvido com base na produção científica tem como objetivos: Identificar os tipos de violência que mais acometem os adolescentes, os locais em que elas acontecem e o que os tornam vulneráveis; Descrever as estratégias de enfrentamento da violência contra adolescentes.

## MÉTODOS

Trata-se de revisão integrativa da literatura que inclui pesquisas com diferentes abordagens metodológicas, no recorte temporal de 2015 a 2019, contemplando um intervalo de tempo relativamente significativo para permitir a inclusão de um maior número de estudos.

As bases de dados inseridas no estudo são aquelas próprias do país e outros de importantes para a ciência mundial.

Os critérios de inclusão adotados foram: a) artigos originais, com textos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, entre os anos de 2015 a 2019; b) publicações cuja metodologia permita obter evidências sobre o tema em estudo; c) ensaios clínicos; d) pesquisas experimentais; e) pesquisas qualitativas. Após a leitura de títulos, resumos e palavras-chave, foram excluídas publicações duplicadas e aquelas que não abordam o tema em foco.

Os dados foram coletados entre novembro de 2019 a fevereiro de 2020.

Para esta revisão integrativa foram adotadas as seguintes etapas: a) identificação do problema ou do tema e seleção da questão de pesquisa; b) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; c) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; d) categorização dos estudos selecionados; e) análise e interpretação dos resultados; f) apresentação da revisão/síntese do conhecimento<sup>4</sup>.

Para extração das informações, nos meses de setembro e outubro de 2018, foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados eletrônicas: portal da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde, BVS Adolec (Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e a PubMed (Base de Dados Bibliográficas em Medicina). Utilizaram-se os seguintes descritores de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH): *adolescente/adolescente*; *violência/violence*; *saúde pública/public health*; *saúde escolar/school health*. O recurso utilizado na pesquisa foi a expressão "termo exato". Para cruzar os termos usou-se o operador booleano "and" com o intuito de obter o maior número de artigos que respondessem à questão norteadora.

Para definir a questão de pesquisa, recorreu-se à estratégia PICO voltada para pesquisas não clínicas, contemplando os seguintes aspectos: P (População); I (Interesse de conhecimento); e Co (Contexto)<sup>5</sup>. A partir dessa estratégia, adotou a seguinte questão norteadora: Quais os tipos de violência que mais acometem os adolescentes, os locais em que elas acontecem e as estratégias de enfrentamento?

A coleta e análise dos dados e informações ocorreram por meio de um instrumento proposto por Ursi e Galvão<sup>6</sup> e

adaptado pelos autores, contemplando os seguintes itens: i) identificação do artigo original (autor, título, ano da publicação, objetivo, principais resultados); ii) características metodológicas do estudo; iii) identificação do nível de evidência.

Com o processo de seleção dos artigos, 4.796 publicações foram encontradas, sendo 307 excluídos por duplicação e 4.286 por não atender à pergunta de pesquisa. Foram pré-selecionados 203 artigos e após passarem por um processo de leitura na íntegra, 117 foram excluídos por fugirem do tema, resultando no total de 86 artigos selecionados.

Diante dos cruzamentos realizados em bases de dados e bibliotecas virtuais, após o processo de busca pelos cruzamentos, realizou-se a análise e inclusão/exclusão dos artigos, restando 86 publicações na rodada final, das quais se extraíram os resultados.

Os aspectos éticos foram observados e cumpridos na execução da pesquisa. Os autores dos artigos analisados foram devidamente referenciados. Os dados e informações das pesquisas foram apresentados de forma fidedigna.

**RESULTADOS**

Buscou-se identificar nas publicações os tipos de violência dos quais o público adolescente estava submetido, as estratégias adotadas para enfrentar as situações e os locais onde ocorriam as violências, conforme demonstrado na (Tabela 1).

O tipo de violência mais presente nas produções científicas foi o *bullying* (43,0%), seguido por da violência sexual (16,2%) e da violência intrafamiliar (11,6%). O quadro 1 reúne as definições dos tipos de violência adotadas pelos autores das pesquisas.

**Tabela 1.** Tipos, estratégias de enfrentamento e locais da violência apresentados nas produções

Variáveis	n(%)
Tipo de violência	
<i>Bullying</i>	37(43,0)
Violência sexual	14(16,2)
Violência intrafamiliar	10(11,6)
Violência escolar	7(8,1)
Abuso de relacionamento adolescente	6(6,9)
Violência urbana	4(4,6)
Suicídio	3(3,4)
Violência física	2(2,3)
<i>Cyberbullying</i>	2(2,3)

Continua...

Continuação.

Variáveis	n(%)
Violência policial	1(1,1)
Total	86(100)
Estratégias de enfrentamento	
Intervenções de enfrentamento da violência	25(45,5)
Fatores de vulnerabilidade	14(25,5)
Programas de prevenção da violência	13(23,7)
Notificação de violência	3(5,5)
Total	55(100)
Local da violência	
Escola	52(85,1)
Bairros periféricos e comunidade	9(12,2)
Ambiente domiciliar/intrafamiliar	8(10,8)
Ambiente cibernético	3(4,1)
Situação de risco e rua	1(1,4)
Centros de detenção	1(1,4)
Total	74(100)

**Quadro 1.** Definição dos tipos de violência adotadas nas pesquisas

Tipo de violência	Definições
<i>Bullying</i>	O <i>bullying</i> é entendido como um problema nas relações entre pares, caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade e pela repetitividade dos atos de agressão. Pode ser examinado em relação ao tipo de ocorrência, física, verbal ou psicológica, e em relação à natureza de suas manifestações, quanto a comportamentos, ações e métodos adotados nas agressões, como bater ou usar apelidos pejorativos <sup>7-9</sup> .
Violência Sexual	O envolvimento em atividades sexuais impróprias para sua idade ou seu desenvolvimento psicossocial, com a intenção de estimular e/ou obter estimulação sexual. Esse ato, que não é compreendido ou consentido plenamente por essas crianças ou jovens, pode dar-se por meio de violência física, ameaça ou indução de sua vontade <sup>10-12</sup> .
Violência Intrafamiliar	A violência doméstica contra crianças e adolescentes se definem pela prática de atos que venham a causar dano físico, sexual e/ou psicológico, ou até de negligência por parte dos pais ou responsáveis e dos demais parentes <sup>13</sup> .
Violência Escolar	Ocorre no espaço físico da escola, durante o trajeto casa-escola, em locais de passeios e/ou festas escolares programadas e em bairros e residências dos estudantes cujos assuntos escolares mal resolvidos repercutem em violência. A violência escolar incorpora tanto a perspectiva mais explícita, como a agressão entre os sujeitos, quanto a violência simbólica, que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma sociedade desigual <sup>14</sup> .

Continua...

Continuação.

Abuso do Relacionamento Adolescente (ARA)	A violência no namoro entre adolescentes tem sido cada vez mais frequente. Essa violência também se manifesta nos meios tecnológicos, intitulado de "Abuso no namoro cibernético" envolve o uso de tecnologia para controlar, assediar, ameaçar ou perseguir outra pessoa no contexto de um relacionamento, por meio do uso de tecnologia, e é descrito como um desafio emergente para a juventude de hoje <sup>8,12,15</sup> .
Violência Urbana	Aborda diferentes tipos de violência direta: do trânsito, de assaltos, de brigas e conflitos familiares e nas comunidades. Os danos são imediatos e os riscos iminentes, como fraturas, lesões, queimaduras, podendo ocasionar incapacidade e até a morte <sup>16</sup> .
Suicídio	Estudos documentaram disparidades relacionadas à orientação sexual em tentativas de suicídio entre adolescentes <sup>17-19</sup> .
Violência Física	Violência física pode ser considerada consequência dos outros tipos de violência <sup>20</sup> .
Cyberbullying	Um tipo de <i>bullying</i> que utiliza a tecnologia <sup>21</sup> .
Violência Policial	A maioria dos jovens que sofre este tipo de violência são negros e de comunidades de baixa renda, com baixos níveis de educação e expostos à violência de policiais em suas comunidades com frequência <sup>22</sup> .

## DISCUSSÃO

A violência, em suas inúmeras formas e expressões, é um dos problemas de saúde pública que mais acomete a sociedade. O público adolescente está vulnerável a se envolver com esse fenômeno, condição que afeta seu bem-estar físico, espiritual, mental e social<sup>23</sup>.

A maior diversidade dos tipos de violência ocorre no ambiente escolar, existindo três categorias diretamente envolvidas, que têm diferentes perfis psicossociais: a) os agressores; b) a vítima; e c) os agressores-vítimas. Geralmente, os agressores são populares, temidos e respeitados, intimidam, machucam e causam sofrimento à vítima supostamente mais fraca e veem esse comportamento como uma qualidade. As vítimas são sujeitos que sofrem com o *bullying* reiteradamente e durante determinado tempo. Apresentam baixa autoestima, agravada pelos insultos, possuem poucos amigos e podem acreditar que merecem as agressões sofridas. Os agressores-vítimas são aqueles que ora sofrem e ora praticam, mudando de papel, eles partilham das mesmas características dos agressores e das vítimas e podem ser depressivos e inseguros, apresentando altos níveis de hiperatividade, impulsividade e descontrole emocional – diferenciam-se pela impopularidade e pelos maiores índices de rejeição entre os colegas<sup>24</sup>.

Esse processo de agressão intencional e repetida envolve comportamentos agressivos de intimidação, insulto, assédio, exclusão e discriminação, podendo ser classificado como *agressão direta* e *indireta*, com potencial de gerar

sérias consequências tanto em curto quanto em longo prazo<sup>23</sup>. Para as vítimas, os danos se referem a ansiedade, depressão, dificuldade de relacionamento e autoestima fragilizada, além de outras desordens psiquiátricas que podem culminar no suicídio<sup>25</sup>.

O Abuso do Relacionamento Adolescente (ARA) é considerado um tipo de violência que afeta ambos os sexos e está associado a agressão física e sexual, depressão, ideação suicida, baixo rendimento escolar, uso de drogas e namoro cibernético. O ARA reflete a violência doméstica, influencia o prejuízo da cognição e da capacidade de resolução de conflitos e pode estar relacionado a problemas de saúde, transtornos alimentares e comportamentos sexuais inadequados<sup>10</sup>. Existe relação entre uso de álcool e ARA no sexo feminino. As adolescentes são mais propensas à violência quando iniciam o uso de álcool precocemente<sup>26</sup>.

Além do ARA existe a violência por parceiro íntimo, que guarda associação com a cultura da identidade de gênero, contexto em que se vê com naturalidade situações de violência que subjugam as mulheres à autoridade masculina no relacionamento amoroso<sup>8</sup>. Nesses casos de violência existe uma relação na qual as meninas praticam violência psicológica e verbal com maior frequência e os meninos tendem a cometer agressões físicas. São comuns situações como estupro, empurrões, estrangulamento, ofensa, comportamentos manipulativos, arremesso de objetos, ciúmes e por comportamentos possessivos<sup>8</sup>.

A tecnologia abre oportunidades para comportamentos abusivos no namoro, o denominado *cybernamoro*, que dissemina assédio sexual, problemas de saúde mental e comportamentos suicidas<sup>12</sup>.

Outra tipologia é a violência intrafamiliar é expressa por meio de dinâmicas de poder/afeto, nas quais estão presentes relações de subordinação e dominação. Os fatores que influenciam são gravidez na adolescência, não reconhecimento de paternidade, familiares usuários de álcool e drogas, depressão, descontrole emocional, portadores de necessidades especiais e Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e podem manifestar-se via abusos físicos, sexuais e emocionais<sup>13</sup>.

Na violência física, os homens se mostram mais propensos a ações como agressões e a mulheres a violência indireta. Com isso, é necessário promover controle sobre os comportamentos e o ambiente social, a fim de reduzir os atos violentos entre adolescentes, e isso exige um forte senso de auto eficácia que explica o motivo de alguns sujeitos apresentarem a capacidade de evitar emoções negativas e lidarem melhor com determinados eventos da vida<sup>14</sup>.

A violência sexual contra adolescentes impacta de diversas maneiras na vida das vítimas, pois se trata de um

fenômeno de elevada magnitude, com perpetração de diversos tipos de violência que prejudica os aspectos psicológicos das relações sociais – como medo, fobia social, depressão, ideação suicida, abuso de álcool e outras drogas, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez<sup>27</sup>.

Tendo em vista a complexidade dos casos de violência sexual, pode-se classificá-la como: a) contato físico (com e sem penetração); b) contato não físico (assédio verbal, exposição a material pornográfico, exibicionismo, *voyeurismo*); e c) exploração sexual<sup>15</sup>.

A violência urbana é outro importante tipo, que a cada dia tem mais sujeitos expostos e/ou vulneráveis. Muitos dos jovens que vivenciam as situações de violência urbana se encontram na criminalidade e na ilegalidade, cometendo ato infracional. Esse grupo crescente é evidenciado por problemas comuns da juventude, como abuso de álcool e drogas, delinquência juvenil, vida escolar problemática, associação ao narcotráfico, entre outros associados à noção de crise da juventude, desafio social que carece de políticas públicas efetivas<sup>20</sup>.

A maioria dos jovens negros e daqueles que vivem em comunidades de baixa renda, com baixos níveis educacionais, expõe-se também a violência policial. Grande parte das infrações comuns está relacionada a tráfico de drogas, assalto a mão armada, violência sexual e homicídio, sendo mais frequentes no sexo masculino. Além disso, os homossexuais se mostram particularmente vulneráveis à violência urbana, em decorrência de preconceitos enraizados na sociedade<sup>22</sup>.

A análise dos artigos demonstrou que as intervenções para o enfrentamento da violência na adolescência vem de uma ação intersetorial com o da educação e saúde, promovendo o tema diante da rotina dos estudantes, seja no ambiente escolar ou no espaço intrafamiliar.

As produções apontam que são vários fatores que contribuem para que essa prática seja observada e mantida, dentre os quais se destacam: a) relações de poder e de gênero predominantes nas sociedades; b) características do agressor e da vítima; c) questões culturais; d) ausência de mecanismos seguros e confiáveis; e) medo de denunciar; f) ineficiência dos órgãos de atendimento; e g) certeza de impunidade, dentre outros<sup>28</sup>.

A atuação em rede, de modo intersetorial e multidisciplinar, também ficou evidente como potente ferramenta de enfrentamento da violência. A abordagem inicial e detecção pelas as equipes da Atenção Primária à Saúde (APS), com a notificação do caso é uma importante estratégia. Para tal, as equipes de saúde necessitam de educação permanente para compreender o fenômeno, os principais sinais e assim,

saber intervir. Faz-se mister a introdução de tais conteúdos nas matrizes curriculares das graduações em saúde. A falta de qualificação para a abordagem às vítimas de violência, pode ser tão grave, quanto a própria violência. Pois, a não identificação desta, permitirá sua perpetuação.

As ações para o enfrentamento do problema se baseiam na identificação de casos, no encaminhamento com o acionamento da rede de apoio e da equipe multidisciplinar e na notificação dos casos. Barreiras institucionais e burocráticas foram apontadas como as maiores dificuldades para tal enfrentamento.

Os artigos analisados chamam atenção para a necessidade de mudanças na postura profissional e no próprio processo de trabalho, na medida em que consideram importante a sensibilização e a capacitação do profissional da saúde para lidar com as questões relacionadas à violência.

Assim, pode-se perceber que a intersetorialidade é uma potente estratégia para o enfrentamento da violência contra adolescentes, em especial nos setores saúde, educação, assistência social, esportes e cultura. O setor saúde tem a Estratégia Saúde da Família (ESF) como principal *locus* para identificação dos casos, além de atuar na promoção da saúde e prevenção de riscos, agravos e doenças dos adolescentes.

A adolescência tem sido um tema corriqueiro em diversos estudos desde os anos 1990<sup>29</sup>. Muito destes estudos tem buscado contribuir para “despertar os profissionais, a sociedade e os próprios adolescentes para a organização de ações que visualizem o fenômeno da adolescência e da violência como prioridade nas agendas públicas”<sup>30</sup>.

Em relação ao local em que o adolescente mais se expõe a situações de violência, os artigos destacam o ambiente escolar (85,1%). A escola representa um importante espaço social para o adolescente, assim como o lar com sua família e a comunidade em que vive. A escola de certo modo, é um espaço de importante produção social deste, e que lhes permite expor suas virtudes e vulnerabilidades.

O tipo de violência mais comum na escola é o *bullying*, esta destaca-se por ser o principal ambiente no qual o adolescente está sujeito à violência, seu papel fundamental envolve o educar, ou seja, proporciona saberes, o desenvolvimento de valores e relações interpessoais<sup>31</sup>. Assim, por ser um espaço que privilegia as trocas de aprendizagem e a socialização com diferenças de valores e referências, o encontro de ideias derivadas da família, da religião e da cultura<sup>32</sup>, torna necessária a adoção de intervenções para prevenir conflitos e quaisquer tipos de violência.

Também se relaciona a esse contexto o ambiente cibernético (4,1%) como *locus* de violência contra adolescentes.



O uso da internet, em geral, favorece práticas nocivas que vão desde violação de dados pessoais, provocações e ameaças até a incitação ao suicídio<sup>33</sup>. Desse modo, diante do anonimato proporcionado pelas redes e, conseqüentemente, da falta de punição, o ambiente cibernético se torna propício a ataques classificados como *cyberbullying*. Destaca-se a forte ascensão das redes sociais e dos *sites* de relacionamento, aos quais grande parte dos jovens se conecta, facilitando esse tipo de violência.

Vale refletir tanto sobre os benefícios de tais tecnologias, enquanto fontes de aprendizado e socialização, quanto sobre os espaços de violência que se constituem no mundo virtual. O papel dos familiares no estabelecimento de limites aos adolescentes se mostra vital para que a internet não seja usada de modo inadequado ou abusivo.

O ambiente intrafamiliar/domiciliar (10,8%) também abriga casos de violência contra adolescentes, seja de ordem física (marcas espalhadas pelo corpo), psicológica (humilhações e ameaças) ou sexual (jogos sexuais impostos contra a vontade), além de negligência (abandono ou falta de cuidados básicos de saúde e segurança), praticados por pais ou responsáveis<sup>34</sup>. Diante disso, o papel protetor da família é posto em xeque, em vez de proporcionar proteção e educação ao adolescente, o lar passa a constituir em um ambiente hostil.

A violência no lar pode está associada ao uso do álcool, podendo levar o adolescente a déficit e abandono escolar, ao consumo de drogas entre outros<sup>35</sup>.

A prevenção é uma das melhores alternativas para lidar com a violência intrafamiliar e destacam a escola como ambiente mais adequado à intervenção - sendo necessária a capacitação de professores e gestores escolares para iniciativas de prevenção nesse sentido, com identificação, denúncia e acompanhamento dos casos<sup>34</sup>.

A educação sexual e reprodutiva conscientiza os adolescentes acerca de seu próprio corpo. Tal conhecimento pode estimular a adoção de estratégias de proteção diante de abuso sexual que envolva os familiares, evitando que condutas criminosas sejam vistas como situações normais.

Bairros periféricos e comunidades de baixa renda (12,2%) também se apresentam como ambientes de violência contra adolescentes, devido ao fato de constituírem localidades tomadas por tráfico de drogas e facções criminosas. Estudo<sup>36</sup> traz relatos de jovens da periferia que deixaram de realizar suas atividades diárias e de lazer, como surfar, andar de *skate* ou até ir à escola, por conta dos locais onde ocorrem tais atividades terem sido dominados pelo narcotráfico. Os adolescentes que adentram esses espaços passam a correr risco de vida e sua vivência do espaço urbano sofre restrições<sup>36</sup>.

Outro ambiente de violência na adolescência é vivenciado por sujeitos em situação de rua (1,4%), que se caracteriza por forte vulnerabilidade social. Esses adolescentes se habitam a enfrentar um cotidiano precário e violento, o que dificulta sua reinserção social em situações de conflito com a lei, por exemplo<sup>37</sup>. Em tal cenário, a busca de melhores condições de vida constitui um desafio, pois essa população demanda intervenções de caráter assistencial ao mesmo tempo em que se observa carência de iniciativas que abram novos caminhos nesse sentido.

As limitações do estudo referem-se à amostra e os critérios de busca haja vista que foram incluídos somente os artigos disponíveis gratuitamente nas bases de dados citadas e os critérios de busca seguidos por apenas dois pesquisadores.

A revisão integrativa acerca desta problemática da violência contra adolescente permite que tanto os pesquisadores, profissionais da Saúde, Educação e outros, assim como leitores reconheçam os tipos de violência, além de desvendar o conhecimento no seu estado atual para planejar ações mais assertivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou a identificação de diversas categorias de violência (*bullying*, violência sexual, violência intrafamiliar, violência escolar, Abuso do Relacionamento Adolescente (ARA), violência urbana, suicídio, violência física, *cyberbullying* e a violência policial) contra adolescentes e a (re)afirmação desta contra adolescentes como um problema de saúde pública e social, demandando maior atenção e a criação de políticas públicas para proporcionar amparo a esse grupo.

Considerando o ambiente escolar enquanto locus de predomínio das situações de violência vivenciadas pelos adolescentes, evidenciou-se que a intersectorialidade é uma estratégia vital no enfrentamento de tais situações. Assim, a escola e as equipes da ESF devem desenvolver ações conjuntas que envolvam as famílias no contexto educacional, de modo que os estudantes, pais e comunidades identifiquem e previnam as situações cotidianas de violência.

Pode-se dizer que a questão norteadora do estudo foi respondida à medida que identificamos os tipos de violência que acometem os adolescentes, sendo os mais frequentes o *bullying*, a violência sexual e a violência intrafamiliar. Como esse problema demanda intervenções na escola, na comunidade e no ambiente intrafamiliar, buscou-se identificar estratégias de enfrentamento.

Uma das lacunas encontradas no estudo consiste em verificar a efetividade das estratégias de enfrentamento a

curto, médio e longo prazo. Por isso, sugere-se a realização de novos estudos que aprofundem a análise nesse sentido.

### Contribuição dos autores:

MIOV contribuiu para a concepção e/ou desenho do estudo, análise e interpretação dos dados, redação e/ou revisão crítica do manuscrito. YAC contribuiu com coleta, análise e interpretação dos dados. GPM contribuiu com coleta, análise e interpretação dos dados e redação e/ou revisão da versão final. MMV contribuiu com análise e interpretação dos dados. PRL contribuiu com análise e interpretação dos

dados. VSF contribuiu para a concepção e/ou desenho do estudo, análise e interpretação dos dados. LGSJ contribuiu para a redação e/ou revisão crítica do manuscrito. FRGXN contribuiu para a redação e/ou revisão crítica do manuscrito.

### Agradecimentos:

Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (FUNCAP) – Edital Bolsas de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (BPI – 03/2018). Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS).

### REFERÊNCIAS

1. Minayo MC. Violência e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.
2. Soares MR. Juventude e vulnerabilidade social [dissertação] [Internet]. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo; 2015 [citado 2020 Jun 4]. Disponível em: [https://unisal.br/wp-content/uploads/2016/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_MARCOS-ROGERIO-SOARES.pdf](https://unisal.br/wp-content/uploads/2016/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MARCOS-ROGERIO-SOARES.pdf)
3. Lei No. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências [Internet]. 1990 [citado 2020 Jun 4]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)
4. Botelho LL, Cunha CC, Macedo M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gest Soc*. 2011;5(11):121-36.
5. Cooke A, Smith D, Booth A. Beyond PICo: The SPIDER Tool for qualitative evidence synthesis. *Qual Health Res*. 2012;22(10):1435-43.
6. Ursi ES, Galvão CM. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2006;14(1):124-31.
7. Malta DC, Bernal RT, Pugedo FS, Lima CM, Mascarenhas MD, Jorge AO, et al. Violências contra adolescentes nas capitais brasileiras, segundo inquérito em serviços de urgência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2017;22(9):2899-908.
8. Oliveira RN, Gessner R, Brancaglioni BC, Fonseca RM, Egry EY. Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. *Rev Esc Enferm USP*. 2016;50(1):134-43.
9. Bradshaw CP, Waasdorp TE, Johnson SL. Overlapping verbal, relational, physical, and electronic forms of bullying in adolescence: in uence of school context. *J Clin Child Adolesc Psychol*. 2015;44(3):494-508.
10. Foshee VA, Reyes HL, Chen MS, Ennett ST, Basile KC, DeGue S, et al. Shared risk factors for the perpetration of physical dating violence, bullying, and sexual harassment among adolescents exposed to domestic violence. *J Youth Adolesc*. 2016;45(4):672-86.
11. Reid DE, Holland KM, Cortina K, Ball B, Rosenbluth B. Evaluation of the expect respect support group program: a violence prevention strategy exposed to violence. *Prev Med*. 2017;100(1):235-42.
12. Dick RN, McCauley HL, Jones KA, Tancredi DJ, Goldstein S, Blackburn S, et al. Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*. 2018;134(6):1560-7.
13. Martins FF, Romagnoli RC. A violência contra as crianças e adolescentes admitidos no Hospital João XIII: uma análise quantitativa. *Genêr Rev Interinst Psicol*. 2017;10(1):148-61.
14. Valois RF, Zullig KJ, Revels AA. Aggressive and violent behavior and emotional self-efficacy: is there a relationship for adolescents? *J Sch Health*. 2017;87(4):269-77.
15. Von Hohendorff J, Patias ND. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*. 2017;(49):239-57.
16. Pool AC, Patterson F, Luna IY, Hohl B, Bauer KW. Ten-year secular trends in youth violence: results from the Philadelphia Youth Risk Behavior Survey 2003-2013. *J Sch Health*. 2017;87(4):244-52.
17. Costa AP, Oliveira DA, Rodrigues MP, Ferreira MA. Violência doméstica e abuso de álcool e drogas na adolescência. *Rev Ciênc Plur*. 2015;1(2):48-56.
18. Melo RA, Souza SL, Bezerra CS. Cuidados de enfermagem à criança e adolescente em violência doméstica na visão de graduandos de enfermagem. *Av Enferm*. 2017;35(3):293-302.
19. Valente LA, Dalledone M, Pizzatto E, Zaiter W, Souza JF, Losso EM. Domestic violence against children and adolescents: prevalence of physical injuries in a Southern Brazilian Metropolis. *Braz Dent J [Internet]*. 2015;26(1):55-60.
20. Araújo EM, Ataíde MA. Serviço social: intervenção em um hospital de urgência e emergência diante da rede de atenção ao paciente jovem vítima de violência urbana. *Tempus*. 2018;11(2):69-87.
21. Roberto AJ, Eden J, Savage MW, Ramos-Salazar L, Deiss DM. Outcome evaluation results of school-based cybersafety promotion and cyberbullying prevention intervention for middle school students. *Health Commun*. 2018;29(10):1029-42.
22. Nascimento MA, Uziel AP, Hernández JG. Young men in juvenile detention centers in Rio de Janeiro, Brazil: gender, sexuality, masculinity and health implications. *Cad Saúde Pública*. 2018;34(2):e00177916.
23. Albuquerque IM, Gomes DF, Vasconcelos AM, Aguiar DT, Silva TB. Bullying na concepção de estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública. *Rev Enferm UFSM*. 2015;5(3):444-53.
24. Pigozi PL, Machado AL. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva [Internet]*. 2015 [citado 2019 Dez 20];20(11):3509-22.
25. Cerezo F, Ruiz-Esteban C, Sánchez Lacasa C, Arense Gonzalo JJ. Dimensions of parenting styles, social climate, and bullying victims in primary and secondary education. *Psicothema*. 2018;30(1):59-65.
26. Choi HJ, Elmquist J, Shorey RC, Rothman EF, Stuart GL, Temple JR. Stability of alcohol use and teen dating violence for female youth: a latent transition analysis. *Drug Alcohol Rev*. 2016;36(1):80-7.

27. Costa FB, Miranda CE, Rodrigues MT, Mascarenhas MD. Violência sexual entre adolescentes escolares brasileiros. *Rev Adolesc Saúde*. 2018;15(2):72-80.
28. Francischini R, Souza Neto MO. Enfrentamento a violência contra crianças e adolescentes: Projeto Escola que Protege. *Rev Dep Psicol UFF*. 2017;19(1):243-51.
29. Rodrigues AR, Barros WM, Soares PD. Reincidência da gravidez na adolescência: percepções das adolescentes. *Enferm Foco*. 2017;7(3/4):66-70.
30. Zanatta EA, Dal Pai D, Resta DG, Argenta C, Motta MG. Caracterização das notificações de violência contra adolescentes. *Enferm Foco*. 2012;3(4):165-8.
31. Silva BR, Silva AO, Passos MH, Soares FC, Valença PA, Menezes VA, et al. Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2018;23(9):2909-16.
32. Cruz FM, Maciel MA. 'Excluir', 'Xingar', 'Bater': sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. *Psicol Esc Educ*. 2018;22(2):291-300.
33. Ferreira TR, Deslandes SF. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2018;23(10):3369-79.
34. Carcardo GM, Gallo AE. Mapeamento do conhecimento de professores sobre violência intrafamiliar. *Psicol Educ*. 2018;(46):31-9.
35. Silveira RE, Santos AS. Contextos de vulnerabilidade entre adolescentes do ensino fundamental de Uberaba/MG. *Enferm Foco*. 2012;3(4):182-5.
36. Barros JP, Paiva LF, Rodrigues JS, Silva DB, Leonardo CS. "Pacificação" nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. *Rev Psicol*. 2018;9(1):117-28.
37. Penna LH, Carinhonha JI, Ribeiro LV, Graça HM, Marques CS. Perfil sociodemográfico da adolescente em situação de rua: análise das condições socioculturais. *Rev Enferm UERJ*. 2017;25:e29603.